

A LITERATURA PARAENSE COMO FONTE PARA O CONHECIMENTO DA HISTÓRIA DA INFÂNCIA NA AMAZÔNIA

Maria do Socorro Pereira Lima*

RESUMO

A pesquisa de onde se originou este artigo se amparou num referencial teórico pautado na relação história e literatura (CHARTIER, 1999), no sentido de mostrar que a literatura paraense aparece como objeto possível ou necessário da investigação histórica da infância na Amazônia. Com essa intenção, o objetivo deste artigo é compreender a história da infância da Amazônia a partir da sua representação literária a partir de um *corpus* constituído de obras produzidas no estado do Pará no decorrer da primeira metade do século XX. Além disso, as reflexões advindas dessas obras visam contribuir com a ampliação das fontes documentais na constituição de um campo de formação específico sobre a história da infância na Amazônia.

Palavras-chave: Literatura da Amazônia. História da Infância. Criança na literatura.

LA LITERATURA PARAENSE COMO FUENTE PARA EL CONOCIMIENTO DE LA HISTORIA DE LA NIÑEZ EN LA AMAZONIA

RESUMEN

La pesquisa que ha originado este artículo tuvo su amparo en un referencial teórico pautado en la relación historia y literatura. (CHARTIER, 1990), en el sentido de dar muestra de que la literatura paraense aparece como objeto posible o necesario de la investigación histórica de la niñez en la Amazonia. Con esta intención, el objetivo de este artículo es comprender la historia de la niñez de la Amazonia a partir de su representación literaria partiendo de un *corpus* constituido de obras producidas en el estado de Pará en el transcurrir de la primera mitad del siglo XX. Además de esto,

* Doutora em Educação pelo PPGED/ICED/UFGA. Professora da UFGA, Campus Universitário de Abaetetuba. Coordenadora do Grupo de Pesquisa História da Educação da Criança na Amazônia Paraense (GHECAP).

las reflexiones que surgen de estas obras visan contribuir con la extensión de fuentes documentales en la constitución de un campo de formación específico a cerca de la historia de la niñez en la Amazonia.

Palabras-claves: Literatura de la Amazonia. Historia de la Niñez. Niños en la Literatura.

INTRODUÇÃO

Desde que novos modelos conceituais para a história surgiram em detrimentos dos que foram postos à prova por não estarem mais dando conta de explicar a realidade, novos objetos e novas fontes de estudos históricos ganharam o reconhecimento da comunidade científica.

Nesse contexto de transformações ocorridas nas esferas social, política e econômica, surge a Nova História Cultural como um novo modelo de se fazer história, incorporando novas conceitos e categorias como o de representação, o qual busca resgatar o modo como “através do tempo, em momentos e lugares diferentes, os homens foram capazes de perceber a si próprios e ao mundo, construindo um sistema de ideias e imagens de representação coletiva e se atribuindo uma identidade” (PESAVENTO, 1995, p.116).

Ao mesmo tempo em que as mudanças se efetivavam, os interesses pela infância e pela criança ganham destaque no cenário científico de forma que os estudos e as análises se diversificam pelos modos como os pesquisadores produzem dados sobre esse campo de estudo.

No seio desse interesse e mudanças, a literatura ganha força como fonte privilegiada entre os historiadores, enquanto formadora de imagens e por adentrar no imaginário criativo dos escritores como um meio de exporem suas infâncias por ser entendida como uma fonte que “simultaneamente o fecunda, construindo e desconstruindo perfis de crianças que parecem combinar bem com as imagens postas em circulação a partir de outras esferas, sejam estas científicas, econômicas, políticas ou artísticas” (LAJOLO, 2006, p.233).

Sendo assim, a literatura, ao privilegiar a criança como personagem, ela passa a habitar romances e poemas para representarem uma determinada realidade da infância na vida da criança brasileira, inclusive a autobiografia dos próprios escritores. Logo, nesse acúmulo de interesse, artes e ciências vão afirmando ou não o que dizem que a infância é, e, simultaneamente, novos conceitos vão surgindo assim como novos modos de ser da infância e da criança.

Nesse sentido, falar de infância na literatura e ressaltar esta como fonte histórica, significa também colocar a criança nos discursos literários pensados para o público infantil e isso envolve todo o reconhecimento da criança como sujeito. Ademais, em tempos remotos, muitos contos populares ganharam novas versões, como os contos de fadas escritos pelos Irmãos Grimm, autores que

escreviam e queixavam-se daquilo que sua infância não foi ou o que deveria ter sido em referência a um ideal implícito ou explícito (CHOMBART DE LAUWE, 1991).

Portanto, a pesquisa aqui desenvolvida de onde se originou este artigo adotou a modalidade da Nova História Cultural para tratar de fragmentos da infância na Amazônia paraense, posto essa modalidade da história oportunizar aos pesquisadores/historiadores recorrerem aos textos literários a fim de compreenderem um dado momento da história, bem como possibilitar a expansão das fronteiras da erudição histórica para além de suas limitações tradicionais, reconhecendo o papel ativo da linguagem, dos textos e das estruturas narrativas na criação da realidade histórica que envolve a infância em todos os lugares, em especial, na Amazônia.

Neste sentido, pela variação de gêneros usados pelos escritores para narrarem e contextualizarem suas infâncias em terras amazônicas, várias obras literárias constituem o *corpus* de análise, selecionados de escritores que se dedicaram a escrever suas lembranças de infância vividos em terras paraenses, seja para mostrarem seus sentimentos de orgulho pela terra, seja para destacarem hábitos e costumes do cotidiano.

Desse modo, a organização deste texto traz uma breve consideração sobre a infância na literatura no sentido de destacar o reconhecimento da criança e os sentimentos que marcaram a infância dos escritores no decorrer da primeira metade do século XX. Após, o *corpus* literário constituído de obras de escritores amazônicos é posto em destaque para revelar as lembranças de infância na Amazônia paraense desse mesmo período. Nas considerações finais destacamos a literatura como fonte para a escrita da história da infância na Amazônia paraense.

A INFÂNCIA NA LITERATURA: BREVES CONSIDERAÇÕES

De um modo geral, em se tratando de literatura produzida no Brasil, principalmente no início do século XX, várias obras literárias trazem em seu bojo angústias e melancólicas lembranças de infância dos escritores representados por um personagem infantil, com destaque para as ocorrências na escolarização cuja escola aparece como um lugar de punição e opressão e, portanto, de sofrimento à criança, o que se confirma que a literatura pode oferecer referências acerca de imagens e representações, seja para se contrapor aos fatos ou para corroborar momentos e experiências da criança brasileira.

Do mesmo modo na literatura romanesca de outrora é muito comum o retrato da criança inocente e passiva como um ser cercado de adultos e opressores. Essas marcas são predominantes na produção do final do século XIX e início do XX. Entretanto, a superação dessas características pode ser percebida na obra *Negrinha*, de Monteiro Lobato, que retrata uma criança pobre e órfã, porém,

adjetivada de “pestinha”, “diabo”, “coruja”, “barata descascada”, “bruxa”, “pata choca”, etc., com a ideia de mostrar uma oposição ao retrato da criança ingênua que permeia as narrativas românticas nesse mesmo período.

Igualmente, por volta da década de 70, a escritora Clarice Lispector (1998, 1999) cria personagens crianças nada inocentes, mas capazes de agir tão conscientes dos seus atos quanto os adultos. Entre os personagens infantis destacam-se as meninas representadas nas obras, *Felicidade Clandestina* e *A legião estrangeira*. Nestas duas obras, as características da criança oprimida, sofredora e/ou torturada saem de cena cedendo lugar à criança sádica e masoquista, com capacidade de torturar o outro e si própria.

Essas características das crianças nas obras citadas de Monteiro Lobato e Clarice Lispector são identificadas pelo lugar que as crianças ocupam na obra, ou seja, são autoras dos seus discursos, facilitando compreender o que elas pensam e concebem o mundo e, particularmente, a escola, principal espaço de educação e instrução da criança. Além disso, o fato de a criança ser escutada por meio das narrativas propicia a compreensão de como ela representa o seu próprio universo, o que não acontece quando os autores imprimem aos personagens infantis perfis de inocentes.

Assim como obras de literatos conhecidos nacionalmente, a literatura produzida na Amazônia paraense é registrada também pela recorrência memorialística de intelectuais que viveram a infância na *Saudosa Belém de Outrora*¹, ou melhor, na Santa Maria de Belém do Grão - Pará e sua *Belle Époque* - tempos de grande efervescência econômica na Amazônia que tinha em suas mãos o monopólio da produção do látex até por volta da segunda década do século XX.

De um modo ou de outro, no decorrer do seu reconhecimento como sujeito, a criança ganha as páginas da literatura pela memória dos escritores, podendo ser esta arte compreendida como um domínio particular de criações e experiências e, na relação com o passado produzida pela narrativa, ela emerge “a construção do saber histórico proposto pela operação historiográfica” (CHARTIER, 2011, p. 95). Além de que, na sua escrita, na capacidade de transformar as percepções e experiências “o que a escrita literária apreende é a poderosa energia das linguagens, dos ritos e das práticas do mundo social” (CHARTIER, 1990, p. 96). Daí se considerar a literatura uma fonte de registro histórico.

A verdade é que, com o reconhecimento da infância e a inserção da criança como protagonista das narrativas literárias, por volta dos finais do século XIX, muitos escritores da literatura não tiveram a preocupação de escrever para o público infantil. Suas histórias apresentaram características de romances autobiográficos, por meio dos quais expuseram seus desejos, insatisfação, momentos de

¹ Expressão que dá título à obra do escritor De Campos Ribeiro, publicada no ano de 1966, na qual pode ser apreciada uma série de crônicas que fazem referência a vida na cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará, no início do século XX.

felicidade e denúncias. A obra *L' enfant*, do francês Jules Vallès, narra o sofrimento do pequeno Jacques no colégio Puy, em Saint-Etienne, onde o seu próprio pai e que era também seu professor o culpava de tudo em nome de uma hierarquia. No romance, o menino Jacques era sacrificado pelo peso de sua origem pobre, segundo os estudos de Ártico Durval (1989):

Não obstante, por trás da criança havia um verdadeiro mundo de contestação dos escritores e o romance foi se caracterizando um veículo por meio do qual a infância se propagava através da visão memorialística dos adultos.

De certa forma, os personagens infantis embora tivessem ganhado as páginas da ficção, não representavam a si mesmos e sim emprestavam suas imagens a um adulto, ou seja, o criador. Essa predominância atravessou as fronteiras e influenciou a produção literária brasileira.

A INFÂNCIA NA LITERATURA PARAENSE

Elencar sobre algumas produções de escritores paraenses que não fazem parte do *corpus* deste estudo tem como objetivo demonstrar que tanto a infância quanto a criança foram temas acolhidos pela literatura local em períodos diversos e reveladores de contradições e tensões que marcaram os períodos onde as obras estão situadas, considerando que é de conhecimento mundial que Belém foi palco de economia invejável nos finais do século XIX e início do XX. Neste período, a produção intelectual da época foi valorizada e ampliada pelas condições econômicas e projeto de investimento na intelectualidade do povo, conforme anteriormente comentado. Isso justifica apresentar algumas composições.

Posto isto, um conjunto de sentimento saudosista, porém não triste, pode ser apreciado no conto *Meninice*, de Luiz Romano da Motta Araújo², o qual descreve momentos curiosos da sua infância vivida no bairro da Cidade Velha, por volta da primeira década do século XX, na sempre capital do Pará. Nesse conto memorialístico, o autor descreve a sua relação na família composta por muitos irmãos. Relata as brincadeiras com outras crianças no Largo do Carmo³ e nos arredores das igrejas do bairro; descreve suas experiências como aluno do Primeiro Grupo Escolar da capital; as práticas culturais de higiene e tratamento de saúde na época em que foi acometido de doenças típicas da infância, bem como os momentos tensos de surto de doenças que mobilizou a classe médica na capital. Do começo ao fim, o autor não desafina do tom de saudade de sua infância, apesar de momentos de tensão vividos pela família⁴.

Do mesmo modo, a educadora e poeta Ester Bibas (1888), envolvida por sua memória

² Ver A Introdução da Literatura no Pará. Academia Paraense de Letras: Academia Paraense de Letras, 1990. v. 6.

³ Complexo que agrega, além da praça, a Igreja do Carmo, localizadas no primeiro bairro histórico da cidade de Belém, denominado Cidade Velha, ao lado da baía do Guajará e do Porto do Sal.

⁴ *Op. cit.*

discursiva que permeia a sua existência na cidade de Vigia, interior do Pará, dedilha em primeira pessoa o seu livro de poesias intitulado *Rimas do Coração*. No conjunto da obra, a autora descreve o lugar onde passou toda a infância, esboçando um sentimento decorrente da alegria e do orgulho de comunicar sobre o seu espaço. Exalta as águas, os rios e os igarapés como os principais elementos que fizeram parte da sua infância, cuja poesia, na fase adulta, passa a registrar a vida de uma criança interiorana. No decorrer de suas composições Bibas procura definir uma infância feliz a partir dos banhos de água salgada, dos passeios de barco à vela, do prazer de escutar o sino da igreja soando Ave-Maria.

Como se percebe, a saudade e o sentimento de felicidade são predominantes na infância dessa paraense. Rios, igarapés e águas são demarcadores identitários do homem amazônico. O poeta João de Paes Loureiro (1995) alega se tratar da existência de uma evanescência lógica poética, de um povo ainda guiado pela memória, pela palavra oralizada, pelo maravilhamento diante da realidade cotidiana. A vida social ainda permanece impregnada do espírito da infância, no sentido de encontrar-se com a explicação poetizada e alegórica das coisas.

Em espaços interioranos como o apreciado nas produções de Ester Bibas, é comum o envolvimento das famílias ativamente de práticas que integram o seu universo infantil, como, tomar banho de igarapé, pescar, brincar, enfim, espaços onde as crianças se manifestarem como sujeitos ativos, seja até mesmo para ajudarem nos afazeres domésticos, seja para inventarem suas brincadeiras.

As práticas culturais de tratamento de doenças, insinuadas em *Meninice*, constituem, também, uma tradição na cultura amazônica tão importante quanto as lendas. Dar banho na criança com alfazema, alecrim, sândalo, entre outras ervas extraídas da terra, compreende mais do que um banho de aromas para deixar o bebê cheiroso, mas tem efeito de proteção à criança do possível mau olhado ou de quebranto, assim como de doenças. Em 1962, a escritora paraense Eneida de Moraes fez alusão às ervas amazônicas na obra *Banho de Cheiro*. A prática do banho é muito recorrente principalmente no dia de São João. Até nos dias atuais, as ervas fazem parte da vida das famílias paraenses.

O advogado, jornalista e também integrante da Academia Paraense de Letras, Leonam Cruz, ao publicar no ano de 1995 seu livro *Caixa de Memórias: um romance e várias vidas*, o autor traz à tona cenas dos anos iniciais do século XX na cidade das mangueiras⁵. No terceiro capítulo dessa obra, intitulado *A pequena Infância*, esse autor rememora sua infância pobre através “de uma gaze cor-de-rosa”, porque os dias vividos na infância eram límpidos e as tardes pelo menos mais claras. Por meio de sua narrativa, é possível conhecer atividades que envolviam a garotada da época. Passear no final

⁵ Devido à irradiação solar ser bastante elevada, em meados do século XIX, iniciou-se o plantio de mangueiras nos principais corredores da cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará, com a finalidade de amenizar o clima quente da cidade. Então, pela abundância de mangueiras, Belém ganhou o apelido de Cidade das mangueiras.

da tarde e no caminho, saborear os frutos das árvores espalhadas pelos bairros da cidade, brincar com outras crianças, ir à igreja, levado por um adulto da casa, são algumas das práticas que faziam parte da vida das crianças que residiam no bairro da Capina, em Belém. Comprar doces, roscas e “mendubim torrado”, era a alegria da criançada, que ficava aguardando um pequeno vendedor ambulante passar gritando: - “mandubi torrado, alegria dos namorados”. A crônica desse escritor representam imagens de lembranças saudosas do tempo de criança no centro histórico de Belém.

Prevalecem nas composições literárias dos três autores paraenses, memórias de infâncias alegres, ricas ou pobres. Porém, são memórias de infância cuja liberdade de ser criança se sobressai em detrimento de qualquer ato que possa ter comprometido a vontade de ser criança, diferente das lembranças narradas por Graciliano Ramos, Raul Pompéia, José Lins do Rêgo, entre outros que representam a infância triste e a criança sofredora e oprimida.

De Campos Ribeiro foi outro intelectual da Academia Paraense de Letras que publicou em 1966 o livro de crônicas “leves, escritas ao sabor das lembranças” intitulado *Gostosa Belém de Outrora*. Trata-se de um autor apontado pela crítica como um escritor que “fez uma grinalda verde e rica de poemas”. Entre os críticos figura o maior romancista do norte brasileiro, o escritor Dalcídio Jurandir, que juntamente com outros, reconhece o valor da obra desse intelectual pela sua sensibilidade e agudo sentido de observação, pela mensagem de profunda solidariedade e descida ao submundo das almas infelizes; pela sutileza com que, em seus versos de magnífica textura, chora, através dos olhos do coração, os problemas alheios, entre os quais, os que dizem respeito às crianças e à infância desassistida.

No soneto *Os garotos de meu bairro*, também do escritor De Campos, exalta as dificuldades sofridas pelas crianças abandonadas nas ruas do seu bairro (Umarizal), as quais, em meio ao descaso público, conseguem idealizar uma infância feliz, buscando essa felicidade nas “asas de um papagaio de papel de seda”. Nesse soneto, eu observo que a alegria da criança não está no fato de ela ser ou não favorecida economicamente, mas o sentimento de liberdade pode ocasionar o sentimento de felicidade, como brincar de empinar papagaio, brincadeira típica da criança que faz o seu próprio brinquedo.

Nesse mesmo cenário citadino, De Campos Ribeiro, situa sua crônica intitulada *Enterro de Anjos*. Nesta, é narrada uma prática usual da década de 1910, definida pelo próprio autor como “enterro- passeio” que seguia do bairro do Umarizal ao cemitério Santa Isabel. Composta de todo um ritual que marcava o adeus ao *petit defunt*, o episódio relembra cena semelhante no romance *Três casas e um rio*, de Dalcídio Jurandir, no qual é retratado um enterro “nos confins do Marajó”, conduzido por um bando de mocinhas e algumas carregavam o caixão do anjinho. Porém, no meio do caminho, ao avistarem uma goiabeira, deixam o caixãozinho sobre um tufo de ervas, e uma vaca, aproveitando-se da distração das mocinhas, começa a lamber o rosto do defuntinho e a comer as flores

que ornavam o corpo da criança.

Ao contrário de muitos escritores paraenses do início do século XX que buscam na infância momentos marcantes para publicarem em forma de obra literária, a temática tratada em *Enterro dos Anjos*, o autor faz uso de uma linguagem bem particular do contexto social que representa a pobreza através de um ritual de velório e sepultamento de “*petit – defunt*” pobre na cidade de Belém. Na narrativa, pode-se também conhecer que a morte de uma criança envolvia todo um investimento pessoal, cultural e financeiro, específico e necessário à condução do evento, desde os cuidados com a aparência da criança, com a recepção às visitas, o comportamento dos parentes, o traslado pelas ruas rumo ao cemitério até a descida do caixão à cova, tudo em favor de uma tradição que independe de classe social.

Contrariando o contexto de riqueza do início do século XX na capital da Amazônia, o escritor paraense Newton Pessoa de Oliveira traz à cena uma crônica chamada *Monólogo de um Órfão*. Nela, o autor descreve a trajetória de um menino que morava num barraco com o pai alcoólatra, que assim como o filho, não sabia ler. Interessante é perceber que essa condição não fazia da criança um sujeito infeliz. A criança orgulhava-se do pai e entendia que a bebida era para “que a sua vista se anuviasse e o impedisse de ver constantemente a miséria”. Contudo, foi inevitável desviar o menino da infelicidade de assistir o pai morto ser enterrado num caixão aberto. O texto mostra que a prática de sepultamento dos que viviam em vulnerabilidade era de responsabilidade da polícia. Escrita em primeira pessoa, a crônica é fonte reveladora dos traços de pobreza na *Belle Époque*.

Num tempo mais contemporâneo, muitos escritores paraenses se preocuparam com questões referentes ao cotidiano da infância na Amazônia, entre outros, Ápio Campos, que publicou o conto *Natal* e o poema *Meninos*, nos quais retrata cenas da pobreza infantil; Lindanor Celina, autora de *Menina que vem de Itaiara*, obra na qual a autora transfere a uma menina a responsabilidade de narrar os modos de vida de uma cidade do interior; Dalcídio Jurandir, que na década de 70, apresenta a mazelas da escola pública e da situação humilhante das crianças ribeirinhas representadas no romance *Chão de Lobos*. Enfim, a produção literária do século XX é deveras significativa para quem se interessa em estudar a infância a partir de fontes literárias.

Merecem atenção outros autores e outras obras que fazem parte da produção regional que representam a criança e suas diferentes infâncias e tempos. No entanto, não foi possível trazê-los para comporem o *corpus* deste texto por estarem situados em períodos distintos dos que aqui foram analisados.

Como é possível perceber, as concepções de crianças existentes nas obras literárias nos auxiliam a pensar como foi a infância brasileira nos períodos relatados a partir dos fragmentos apontados pelos autores, nos revelando indícios do modo como se relacionavam as ideias e propostas em relação à criança brasileira e em particular, as representações da infância e da criança na região

amazônica.

Com base no exposto, é percebido que nos romances de escritores mais conhecidos da literatura brasileira, a criança é evocada por meio de um caráter realista de uma infância infeliz, insinuando que as instituições sociais como a família e a escola são culpadas pela infelicidade da criança. Por outro lado, as narrativas de infância na região norte invoca mais a saudade associada ao sentimento de alegria, com destaque para as infâncias entoadas nos sonetos e crônicas dos escritores paraenses, que, apesar da pobreza, não sugerem a impossibilidade de felicidade da criança, possivelmente pela noção de liberdade que pode transparecer nesses textos e não nos romances de circulação nacional ou talvez seja porque os escritores paraenses não centralizaram suas obras na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que culminou com o artigo aqui apresentado, pelas reflexões que colocam em questão a literatura como fonte para o estudo histórico da infância na Amazônia, nos instiga a deixar de lado o mito de que a ficção oferece tão somente um discurso inverídico da realidade para revelar que as obras literárias são válidas como documento histórico por se tratar de um corpo ficcional, mas, contudo, por ser passível de análise.

Diante dessa importante reflexão que leva em conta a relação entre história e literatura, é possível se traçar um paralelo entre o discurso literário e o discurso histórico, pois a história da infância representada na literatura da/na Amazônia não se distancia da história contada por um historiador, pois, como qualquer documento, a literatura trata de uma história enriquecida com fatos contados pelo historiador literário.

Tais entrelaçamentos entre as duas áreas implicaram, também, nos apropriarmos das reminiscências desse passado contextualizado pelos escritores paraense, a fim de reconstruirmos imagens do objeto investigado no momento em que ele se apresentou à humanidade no cenário social da Amazônia e, em especial, da *glamourosa* cidade de Belém, capital do Pará, tida à época, semelhante a cidade de Paris, capital francesa.

Portanto, pela sustentação teórica que embasou o estudo modelado nos conceitos de representação advindo da História Cultural e na relação história e literatura, o estudo se amparado também pela proposição historiográfica de Michel de Certeau (2002), que leva em conta tempo e lugar de onde o discurso é emitido, e a construção histórica da criança e da infância na Amazônia.

De todo modo, as obras literárias que constituíram o *corpus* deste artigo também possibilitaram expor comportamentos, sentimentos, valores sociais como práticas simbólicas de uma determinada realidade captada sob o olhar da literatura, no momento em que os autores elaboram uma

(re) construção social e cultural do tempo de suas produções, mesmo que as infâncias nas obras representadas não sejam tidas como “verdade absoluta”, e nem isso se almejou, mas que, do ponto de vista da ficção, todas as possibilidades emergem para a produção de um trabalho que conduz à tarefa histórica, cultural de ser criança na Amazônia.

Nas obras analisadas a criança se destaca, segundo (GOUVÊA, 2007, p. 30), pelas “[...] suas ações, seus comportamentos e suas condutas”, como também toma a infância como objeto de análise, de maneira a decifrar o que Larrosa (2003) designa como enigma da infância.

Posto dessa forma, acreditamos que as análises da infância e da criança nas referidas obras apresentadas neste artigo precisam ser aprofundadas num outro momento, considerando as limitações deste texto que se configura como um caminho cujo ponto final não deve ser dado aqui.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Luiz Romano da Motta. Meninice. In: ARAÚJO, Luiz Romano da Motta. **Introdução à literatura no Pará**. Belém: Academia Paraense de Letras, 1990. v. 4.

BIBAS, Ester. **Rimas do coração**: poesias. Belém: H. Barra, 1958.

CELINA, Lindanor. **Menina que vem de Itaiara**. 3. ed. Belém: CEJUP, 1996.

CHARTIER, Roger. A força das representações: história e ficção. Organização de João César de Castro Rocha. Chapecó, SC: Argos, 2011.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CORALINA, Cora. **O prato azul-pombinho**. 3. ed. São Paulo: Global, 2002.

CHOMBART DE LAUWE, Marie José. **Um outro mundo**: a infância. São Paulo: Perspectiva: EdUSP, 1991.

DURVAL, Ártico. A criança na literatura francesa e brasileira. *Travessia*, n. 9, p. 17-18, 1989. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/viewFile/.../16030>> Acesso em: 19 out. 2016.

FARES, Josebel A. **Texto & pretexto**: experiência de educação contextualizada a partir da literatura feita por autores amazônicos. 3. ed. Belém: Cejup, 1996.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. A literatura como fonte para a história da infância: possibilidades e limites. In: LOPES, Alberto, FARIA FILHO, Luciano Mendes e FERNANDES, Rogério (Org.). **Para a compreensão histórica da infância**. Belo Horizonte:

Autêntica, 2007.

JURANDIR, Dalcídio. **Três casas e um Rio**. 3 ed. Belém: CEJUP, 1994

LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.). **História social da infância no Brasil** São Paulo: Cortez, 2006. p.229-250.

LARROSA, Jorge. **Os habitantes de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LISPECTOR, Clarice. **A felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **A legião estrangeira**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. Belém, Pará: Cejup. 1995.

MONTEIRO LOBATO. **Negrinha**. São Paulo: Brasiliense. 1956.

OLIVEIRA, Newton Pessoa de. Monólogo de um órfão. In: OLIVEIRA, Newton Pessoa de. **Academia paraense de letras**: introdução à literatura no Pará. Belém: Cejup, 1990. vol. IV. p. 215-218

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha - nova história. In: COSTA, C. Botelho da; Machado, M. C. Tomaz (Org.). **História e literatura, identidades e fronteiras**. Uberlândia: EDUFU, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2. ed. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RAMOS, Graciliano. **Infância**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

RIBEIRO, José Sampaio de Campos. Os garotos do meu bairro. In: RIBEIRO, José Sampaio de Campos. **Alleluia**: versos. Belém: Oficinas Gráficas da Guajarina, 1930.

RIBEIRO, José Sampaio de Campos. José Sampaio. Enterro dos anjos. In: RIBEIRO, José Sampaio de Campos. **A gostosa Belém de outrora**. Belém: Academia Paraense de Letras, [19-].

Recebido em: 19/10/2016
Aprovado em: 20/12/2016